



lação com o cristianismo. O teólogo alemão J. Moltmann vai longe na dupla afirmação de que a história, hoje, só pode ser revolucionária e de que o cristão, por virtude mesmo do seu cristianismo, deseja uma alternativa global para esta sociedade. Também o estudo da "conscientização" afirma em diversos tons - e sem quaisquer ambiguidades - uma das afirmações que conduzem à problemática cristianismo/revolução: a alternativa para a sociedade visa tornar os homens (o povo) sujeito da sua própria história. Quando falei da novidade da "Teologia Política" vimos como a evolução dos conceitos e da vida levou a enquadrar no clima socio-cultural dos últimos anos a dinâmica de uma opção cristã concebida como praxis libertadora.

- Terá a Igreja sido sempre uma força conservadora?

? }  
É certo que se virmos (dum ponto de vista "eclesiástico" a Igreja, isto é, sobretudo a partir da instituição (dos homens e das ideias) que a estrutura não podemos deixar de o afirmar. Mas a Igreja é muito mais do que a instituição: haveria que desenhar a figura de uma Igreja profética, carismática que de S. Francisco de Assis a Santa Catarina de Sena, de Santa Teresa de Ávila ao Papa João XXIII contestou valores tidos por inabaláveis, desinstalou o poder constituído, criou uma contra-cultura no seio das sociedades em que se manifestou. É certo que essa Igreja, por não ser retida pela instituição no seu conteúdo, não chegou a afectar toda a massa dos fiéis. E aí se justifica que se procure hoje "uma renovação global do cristianismo".

- Em que sentido se poderá dizer que amar segundo o Evangelho supõe necessariamente uma "escolha da classe"?

A verdade implícita nesta afirmação é velha de dois mil anos: o



amos de Deus só é verdade se expresso no amor concreto dos homens. Por isso se "desclassificam" no Evangelho o sacerdote e o leuita (os detentores oficiais da lei) e se ergue como verdadeiro seguidor da lei o Samaritano. Dizer que tal atitude supõe hoje uma "escolha de classes" é, na óptica do dualismo dialéctico, dizer que o amor precisa de passar pela esfera do interpessoal para a esfera do socio-político colectivo histórico e que só através de uma leitura científica da realidade a caridade se pode canalizar e tornar fecunda.

- Como pode o empenhamento humano ser critério de autenticidade cristã? ou, em outros termos, qual é o humanismo que julga o humano?

Porque o cristão é parte do povo de Deus, a sua existência só pode ser compreendida em comunidade e, portanto, o seu empenhamento humano tem o seu lugar de verificação na comunidade dos irmãos. Por outro lado, existe ainda hoje uma carência teológica sobre o sentido do Espírito Santo em nós e no meio de nós. Se é pelos frutos do Espírito em nós que reconhecemos que permanecemos em Deus e Deus em nós, há que apontar também para esse caminho de verificação.

- Como se articula o processo de secularização com a nova tomada de consciência "revolucionária"?

Tenho acentuado com frequência que a secularização mais não é do que a compreensão prática da autonomia das realidades terrestres. E se essa autonomia é evidente na obra técnica (talvez a mais remota do humanismo-humanista), na obra de arte (já tocando a expressão interior do humano), nas relações inter-pessoais (que é a psiquiatria se não a normalização das trocas afectivas que estruturam a vida individual?), podemos por analogia